

## MAL-ESTAR DOCENTE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ADOECIMENTO PROFESSORAL NESTA CONTEMPORANEIDADE

WILLIAM SARAIVA BORGES<sup>1</sup>; CARLA GONÇALVES RODRIGUES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – saraiva.borges@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é fruto de uma pesquisa denominada *Docência Contemporânea: ditos e não-escritos sobre o mal-estar docente na rede estadual de ensino de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul*. Tal pesquisa, de cunho misto, isto é, quantitativa e qualitativa, possui fundamentação teórica e procedimentos metodológicos amplos e diversificados. Neste resumo, porém, delimitou-se uma pequena parcela dos movimentos teóricos, bem como, alguns dos processos empregados na totalidade da pesquisa em questão. Desse modo, o enfoque principal do texto que se segue é a problematização e a análise do fenômeno dito mal-estar docente, isto é, uma investigação sobre o adoecimento professoral contemporâneo no *locus* supramencionado.

As pesquisas de Müller (2012)<sup>1</sup> revelam que quase 50% dos professores manifestam algum tipo de transtorno psíquico e mais de 70% alegam viver sob tensão, nervosismo e preocupações constantes. É alta a prevalência de sintomas associados ao humor depressivo-ansioso e ao decréscimo de energia vital. Nesse sentido, muitos professores recorrem frequentemente aos pedidos de licença os quais culminam, por vezes, na desistência do exercício da profissão.

Esteve (1999)<sup>2</sup>, por sua vez, ressalta que 75% dos professores em tratamento médico têm diagnóstico referente a doenças psicológicas e mentais. Segundo esse autor, são contextuais os fatores que causam tal mal-estar quando estão relacionados às condições ambientais e ao contexto em que se exerce a docência. Por outro lado, ele classifica como primários aqueles que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas.

Segundo Esteve, no que diz respeito aos fatores contextuais, destaca-se o aumento das responsabilidades e exigências, o aparecimento de novos agentes de informação (inovações tecnológicas), o questionamento acerca dos valores a serem transmitidos, a pressão social de um sistema que impõe mudanças à profissão docente e o avanço contínuo do saber. Já os fatores primários são representados pelas características internas das instituições que limitam a atividade docente, pela violência nessas instituições o que gera sentimentos de inquietude, pelas agressões verbais e insultos que põem à prova a autoridade do professor e pela falta de tempo para atender as múltiplas responsabilidades.

Com Esteve é possível, ainda, aproximar-se de algumas consequências do mal-estar docente: sentimentos de insatisfação, esquemas de inibição, pedidos de

<sup>1</sup> Trata-se da cartilha *Cuidado! A saúde da educação está em perigo*, resultado de uma pesquisa desenvolvida pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS).

<sup>2</sup> O autor estudou o fenômeno no contexto espanhol e coletou dados junto aos órgãos educacionais de Andaluzia.

transferência, desejo manifesto de abandonar a docência, absentismo, esgotamento, ansiedade, estresse, depreciação do ego, neuroses e depressões.

## 2. METODOLOGIA

Inicialmente, realizou-se uma revisão documental no Posto de Saúde e no Núcleo Municipal de Educação Permanente em Saúde (NEPES) de uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, bem como, no Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS) com a finalidade de verificar o número de docentes afastados de suas atividades em virtude de licenças médicas durante os anos de 2010 e 2011. Em seguida, escolheu-se como *locus* uma Escola da rede pública estadual da cidade mencionada, definindo como sujeitos 26 professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dos docentes participantes dessa investigação, 23 responderam a um questionário padrão<sup>3</sup>, o qual informava sobre a relação entre os afastamentos e a prática pedagógica. Do total dos sujeitos envolvidos na investigação, três concederam entrevista por meio de um roteiro semiestruturado, contemplando tanto os dados de identificação dos entrevistados como questões conceituais, de causa, consequência e verificadoras de hipótese sobre o fenômeno estudado.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos no Posto de Saúde desta cidade, referentes aos anos de 2010 e 2011, revelam que dos 1.342 atestados emitidos, 1.207 foram para professores. Os números encontrados no NEPES mostram que 136 docentes estiveram afastados no mesmo período. Já segundo o CPERS (MÜLLER, 2012), somente em 2011, 3.166 professores estiveram de licença médica, sendo que destes, 1.578 tiveram licença em razão de transtornos mentais. De acordo com a mesma cartilha, a região estudada possui um índice de 54,2% de professores com algum tipo de sofrimento psíquico.

No que se refere aos 23 professores estaduais da EJA entrevistados, obteve-se o seguinte resultado: 43 % apresentaram a possibilidade de desenvolver *Burnout*<sup>4</sup>, 31% estariam em fase inicial do adoecimento, enquanto, em 26% do grupo, o fenômeno estaria começando a se instalar.

Todavia, em contraposição aos dados iniciais até aqui apresentados, a continuidade do processo investigativo, através dos dados recolhidos nas entrevistas com os três professores<sup>5</sup>, favoreceu uma compreensão mais ampliada do problema em questão. Tal deslocamento foi possível, sem dúvida, em virtude dos posicionamentos da Professora A.

Ao considerar que a referida professora trabalha 80 horas semanais e que ela admite que a categoria enfrenta certa desvalorização profissional, poder-se-ia aqui, com Esteve (1999), sustentar a ideia da existência do adoecimento docente. Entretanto, a Professora A não faz menção aos fatores contextuais ou primários que

<sup>3</sup> Questionário preliminar de identificação de *Burnout* elaborado e adaptado por Chafic Jbeili, inspirado no Maslach Burnout Inventory (MBI).

<sup>4</sup> A *Burnout* (Síndrome de *Burnout*) defini-se como um estresse laboral, isto é, um esgotamento físico e mental ou mesmo distúrbios psíquicos de caráter depressivo oriundos das atividades profissionais (CODO, 1999).

<sup>5</sup> Esses três professores que foram entrevistados por meio do roteiro semiestruturado, aqui serão denominados de "Professora A", "Professor B" e "Professora C".

configuram tal mal-estar. Mesmo destacando as precárias condições ambientais da escola, não vê esse aspecto como fator que a leve ao adoecimento, pois “incomoda, mas não é capaz de adoecer, [...] não me desmotiva”.

Ao contrário do que se vinha pensando, ela afirma que tal “adoecimento pode não ser adoecer, pode ser uma fuga, uma estratégia” para afastar-se do trabalho e poder ocupar-se com qualquer outra atividade. “Então, esse adoecer é questionável”. Durante a entrevista, a Professora A ofereceu a compreensão de que o fenômeno pesquisado é um hábito da cultura escolar, “uma cultura que não representa um adoecimento físico. Para isso eu uso as minhas faltas, eu uso os meus atestados, eu posso simplesmente ir fazer compras [...]. Eu acho que os números de atestados não necessariamente representam o mal-estar docente”.

Em contrapartida, o Professor B apresenta respostas que, referendadas pela Professora C, corroboram os estudos de Esteve (1999) e de Müller (2012):

Esse mal-estar é de difícil compreensão, porque é um problema extremamente complexo. [...] em linhas gerais é um mal-estar físico e psicológico. [...] Os professores em geral estão fatigados, com poucas horas de sono, cansados fisicamente. Também com problemas de doenças físicas e, problemas de doença na garganta. [...] Hoje o professor é um profissional desrespeitado profissionalmente, desvalorizado economicamente e isso acaba evidentemente tendo consequências sérias na sua personalidade e na sua própria vida pessoal.

Ele não para por aí: “Eu vejo que hoje existe a construção de um discurso sociocultural no Brasil e que querem transferir todas as responsabilidades pelo fracasso e pelas soluções da educação pública exclusivamente ao professor”. Nesse sentido, Costa (2005) chama atenção para o antagonismo introjetado pelos professores os quais tomam para si a responsabilidade de fazer do Brasil um “país do futuro” em oposição ao sentimento de sofrimento diante das condições de vida e de trabalho. Conforme esse autor, a educação é prenhe de um ideal e de uma missão civilizatória a qual, não raro, o próprio professor se impõe. Com isso, sobre os ombros dos docentes apoiam-se um enorme e pesado fardo disfarçado de grandiosa missão educacional: civilizar para “emancipar e salvar” toda uma coletividade conduzindo-a ao status idealizado.

Assim sendo, conforme os dados da pesquisa, quem acaba sendo colocado na posição de doente, especialmente mental, é o professor o qual é tachado como despreparado, ineficiente, desinteressado e apático. Tudo isso culmina no desprestígio pela categoria diante do fracasso do antigo projeto educacional civilizatório, acentuando nos docentes, conseqüentemente, o sentimento de culpa.

O Professor B, mesmo não se sentindo culpado pelo fracasso da educação pública, reforça a missão educacional civilizatória ao revelar suas estratégias pedagógicas lidar com sua frustração ao não ter seus objetivos atingidos:

Eu venho enfrentando grande dificuldade de trabalhar com crianças, com os alunos. [...] As crianças não reconhecem mais a autoridade pedagógica e social do professor. [...] Com certeza eu encaro um sofrimento, eu me canso muito de trabalhar com crianças, quando eu passo o dia inteiro tendo que falar em voz alta, tendo que exigir delas um comportamento mínimo de respeito e de estabilidade em sala de aula. Então, eu me desgasto muito psicologicamente e fisicamente. [...] Eu estou sendo obrigado a estabelecer mais aulas expositivas, a ser mais conteudista, a cobrar mais memorização dos conteúdos, por necessidade pedagógica de mantê-los ocupados. [...] Os alunos não respondem como a gente projeta e como a gente teoriza.

Por fim, com Esteve (1999) que associa o adoecimento docente ao desprestígio da categoria, a Professora C responde com determinação quais sejam as causas de seu mal-estar: “[...] é por falta de prestígio que hoje o magistério não dá. Há 30 anos atrás eu era uma celebridade, [...] uma pessoa de destaque no meio social. Hoje, não. Hoje é motivo de piada por sermos professores”.

#### 4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa foi apenas um movimento inicial que tentou estabelecer algumas problematizações entorno do contemporâneo problema do mal-estar docente. Desse estudo ficam as questões: Que mal-estar é esse? Que doença é essa? O que aqui ainda se pode dizer? Está o professor de fato adoentado? Não há respostas diretas, objetivas e totalizadoras para tais questões.

A sociedade atual afirma que os professores não são pagos de modo justo, as condições de trabalho não são as ideais, os horários são exaustivos, a formação é limitada e limitadora. Os instrumentos para produção dos dados também revelaram tal situação da atual condição do docente. Curioso é que a categoria sempre acaba sensibilizada pelas promessas políticas de esquerda e de direita em prol de uma educação plena, eternizando a frustração perante um ideal, fomentando a sensação patológica impregnada de culpa.

Contudo, a conversa reservada e orientada por um roteiro semiestruturado favoreceu o entendimento de que há um tanto de realização no trabalho docente. Situações relativas ao convívio com os alunos, com o grupo de colegas e com familiares no que tange ao reconhecimento e gratidão do empenho em prol da aprendizagem são indicadores de um bem-estar na vida professoral. Mesmo quando a jornada de trabalho é impressionantemente longa, pode haver aí ocorrência de escolha pessoal. Desse modo, o uso de afastamentos e licenças pode visar outras experiências borrando, assim, a compreensão conceitual de mal-estar docente alicerçada em estatísticas que relacionam diretamente tais concessões médicas e psicológicas ao corpo doente ou à psique adoentada.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: CODO, W. (Org.), **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COSTA, S. G. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1257-1272, set./dez. 2005.

ESTEVE, J. M. Z. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. 3. ed. Baurú: Edusc, 1999.

MÜLLER, D. et al. **Cuidado! A saúde da educação está em perigo**. Publicação do coletivo estadual de saúde do CPERS/Sindicato, 2012.